

Cultura e paisagem através da história do Porto das Catraias (Educandos)

Cultura y paisaje a través de la historia de Porto das Catraias (Educandos)

Culture and landscape throughout the history of Porto das Catraias (Educandos)

AUTORES

Calina Ramos de Brito Souto*

calinasouto@gmail.com

Tatiana de Lima Pedrosa Santos**

tatixpedrosa@yahoo.com.br

* Mestre em Ciências Humanas pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA, Brasil).

** Professora do programa de pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Mestrado em Ciências Humanas Universidade do Estado do Amazonas (UEA, Brasil).

RESUMO:

O processo de urbanização da cidade de Manaus (Amazonas, Brasil), assim como outras capitais brasileiras, foi realizado considerando o ambiente natural como empecilho para o desenvolvimento, e assim, foi se devastando tudo em pró de um modelo de cidade ideal e moderna, que atendessem a demanda do desenvolvimento econômico. O artigo busca discorrer sobre essa relação do homem *versus* a natureza, evidenciando um pouco de como essa relação pode ser positiva e harmoniosa, ou como também, ser de devastação como pode ser visto na história do urbanismo de Manaus, trazendo o trecho que compreende a orla do Bairro Educandos para compor a discussão. Também, abordar pontos que busquem refletir sobre quais são as possíveis soluções que possam ser pensadas e desenvolvidas pelo planejamento urbano para o futuro, para que possa ser sustentável.

RESUMEN:

El proceso de urbanización de la ciudad de Manaus (Amazonas, Brasil), así como de otras capitales brasileñas, se llevó a cabo considerando el entorno natural como un obstáculo para el desarrollo, y así todo quedó devastado a favor de un modelo de ciudad ideal y moderno que respondiera a la demanda del desarrollo económico. El artículo busca discutir la relación hombre *versus* naturaleza, mostrando cómo esta relación puede ser positiva y armoniosa, pero también devastadora, como se puede ver en la historia del urbanismo de Manaus, recurriendo al tramo que comprende el borde del Bairro Educandos para componer el discurso. Asimismo, se abordan puntos que buscan reflexionar sobre las posibles soluciones que puede pensar y desarrollar el urbanismo para el futuro, para que sea sostenible.

ABSTRACT:

The urbanization process of the city of Manaus (Amazonas, Brasil), as well as other Brazilian capitals, was carried out considering the natural environment as an obstacle to development, and thus everything was devastated in favor of an ideal and modern city model that would meet the demand of economic development. The article seeks to discuss this relationship between man versus nature, showing a little of how this relationship can be positive and harmonious, or also be devastating as can be seen in the history of urbanism in Manaus, bringing the stretch that comprises the Educandos neighbourhood waterfront to form part of the discussion. Also, the article addresses points that seek to reflect on what are the possible solutions that can be thought and developed by urban planning for the future, so that it can be sustainable.

1. Introdução

Se sobrevivermos, vamos brigar pelos pedaços de planeta que a gente não comeu, e os nossos netos ou tataranetos – ou os netos de nossos tataranetos – vão poder passear para ver como era a Terra no passado (Krenak, 2020).

Os debates que permeiam o âmbito do planejamento urbano contemporâneo têm no topo as questões que buscam por cidades mais sustentáveis. É preciso evidenciar como Manaus se desenvolveu urbanamente destruindo a natureza e a cultura, e como esse processo continua sendo repetido, demonstrando através da análise de transformação da paisagem da orla do bairro Educandos, como esse fenômeno tem tornado a cidade cada dia mais insustentável, ambientalmente e socialmente.

É preciso entender como cultura, natureza e cidade precisam ser pensados de forma que estejam conectados nas questões que envolvem o ambiente urbano, e discorrer como esses três conceitos podem ser analisados na área urbana de Manaus. Por esse motivo, esse artigo busca dissertar sobre a relação existente entre cultura, natureza e cidade; entender como o desenvolvimento urbano de Manaus historicamente se deu negligenciando cultura e natureza; e por fim, examinar a possibilidade de ter uma cidade mais sustentável.

Um apontamento importante é feito por Ailton Krenak. Segundo ele, cultura é algo dinâmico, segue em constantes transformações, principalmente nos povos indígenas depois de processos civilizatórios, de constantes massacres e lutas, a cultura indígena passa a ser também ligada a uma questão de sobrevivência, pela concepção de continuar vivo e crítica sobre os posicionamentos de resgatar cultura, pois qual cultura querem resgatar? Será que os povos indígenas buscam esse resgate? Ou é um desejo das instituições? As culturas sofrem modificações sejam por um processo interno daquele grupo, ou por relações estabelecidas com outros grupos. A cidade é cenário onde várias culturas se encontram, onde sociedade e espaço se interrelacionam, formando relações que se influenciam mutuamente.

O ambiente urbano é formado pelas relações que existem entre uma sociedade, como culturas, tradições, poder e histórias diversas, e o um espaço que abriga essa sociedade, por exemplo, o espaço natural, ruas, construções e limitações geográficas (Gonçalves, Sant'Anna, Carstens *et al.*, 2017). A forma como essa sociedade vem se relacionando com esse espaço tem trazido consequências graves para a natureza. Para entender os problemas que envolvem a sustentabilidade de Manaus, é preciso tratar das suas questões históricas e urbanísticas como ponto de inflexão para elucidar sobre a cidade sustentável. Analisando a história da urbanização de Manaus, conseguimos identificar que a dinâmica de ocupação e transformação urbana teve impactos negativos no ambiente natural, resultando nos problemas que vimos na contemporaneidade.

Na busca em transformar Manaus em uma Paris dos Trópicos, a urbanização foi motivada pelo grande crescimento econômico trazido pelo Ciclo da Borracha. Existia a ânsia de produzir uma Manaus nos moldes das cidades europeias. No entanto, o que pôde ser visto nesse período de marco econômico foi projetos higienistas, que retiravam a mata ciliar dos igarapés com o propósito de conter doenças e realizavam aterragens, com o intuito de construção de grandes avenidas. Também, houve a criação dos Códigos de Posturas que tinha o intuito “organizar” e “civilizar” a cidade e as pessoas que nela habitavam, restringindo o uso dos igarapés pela sociedade e transformando culturas, considerando que grande parte a população de Manaus era formada por pessoas que tinham costumes ribeirinhos, que tinham uma relação cultural com o rio, onde tiravam seu alimento e utilizavam para afazeres domésticos, como lavar roupa.

PALAVRAS-CHAVE

Cultura; natureza;
Manaus;
Educandos; cidade
sustentável.

PALABRAS CLAVE

Cultura;
naturaleza;
Manaos;
Educandos; ciudad
sostenible.

KEYWORDS

Culture; Nature;
Manaus;
Educandos;
sustainable city.

Recibido:
14/06/2021

Aceptado:
04/04/2023

Outro momento importante na economia da cidade foi a implantação da Zona Franca, em 1970, que trouxe para Manaus uma área de livre comércio de importação e exportações de serviços com incentivos fiscais. Com a criação da Zona Franca e a criação do Distrito Industrial, várias empresas vêm para Manaus, gerando muitos empregos, o que segundo Almeida (2010) fez com que o fluxo migratório crescesse em um curto período, a cidade cresceu 300% em apenas 10 anos, passando de 311 mil habitantes, na década de 1970, para 1 milhão de habitantes em 1980. Esse fato gerou mais problemas de habitabilidade, intensificando a construção de casas de palafitas¹ as margens dos igarapés, em áreas irregulares, como também, as invasões em terrenos privados em algumas áreas da cidade. Áreas de mata foram desmatadas para criação do Distrito Industrial e o esgoto das fábricas são lançados nos igarapés que cortam a cidade.

Krenak (2020) faz um alerta importante sobre como a demanda que é sugado da terra pode causar a vida insustentável, pois afirma que todos precisam despertar para a situação que está eminente a acontecer, que é a terra não suportar, pois o consumo da nossa sociedade que está provocando a destruição da natureza.

O que aprendi ao longo dessas décadas é que todos precisam despertar, porque, se durante um tempo éramos nós, os povos indígenas, que estávamos ameaçados de ruptura ou da extinção dos sentidos das nossas vidas, hoje estamos todos diante da iminência de a Terra não suportar a nossa demanda (Krenak, 2020 p. 31).

O histórico de Manaus foi de negligência sobre o ambiente natural, e a cidade contemporânea não está sendo diferente, igarapés cada vez mais poluídos, margens dos rios sendo degradados, árvores sendo cortadas e ficando apenas algumas “amostras grátis” de vegetação na cidade. E grande contingente de pessoas morando as margens dos igarapés, em áreas de riscos que sempre sofrem com o risco de desabamento, inundações quando o Rio Negro está no período de cheia e pela poluição das águas.

O desenvolvimento urbano sustentável impõe o desafio de refazer a cidade existente, reinventando-a. De modo inteligente e inclusivo, pois pensar em cidade sustentável é ir na busca de formas de deixá-la possível de não só sobreviver, mas sim de viver, de forma equilibrada com a natureza e as pessoas, que também são natureza.

2. Cultura, Natureza e Cidade

Muito se há para discutir os rumos que a relação entre homem e natureza estão tomando. De como a urbanização tem sido falha quando a questão é pensar numa cidade que integre cultura e natureza. Ailton Krenak, importante líder indígena e ambientalista, traz questões que são muito importantes e necessárias a serem ouvidas e debatidas. Em entrevista intitulada *Vozes da Floresta*, realizada pelo canal Le Monde Diplomatique Brasil, em 2020, ele fala um pouco da sua trajetória de luta por direitos indígenas e preservação das florestas. Levanta um debate importante sobre a cultura indígena e as modificações/transformações do qual passaram e ainda passam. Cita a relação do povo indígena com a floresta, da cultura e floresta, de como são questões interligadas, e deixa claro que o indígena não vive na floresta, ele vive à floresta, que diferente da vida na cidade não se pode separar por lotes, pois os indígenas vivem em comunidades, vivem o coletivo e suas relações com o meio ambiente são como se fossem uma unidade. A discussão que atinge o conceito de cultura é muito diverso, Hall (2003) também fala sobre o caráter dinâmico da cultura, e suas constantes transformações através da história, e afirma que

A cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu “trabalho produtivo”. Depende de um conhecimento da tradução enquanto “o mesmo em mutação” e de um conjunto afetivo de geneologias. (...) não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão a nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural (Hall, 2003, p. 44).

Supor que a cultura é algo imutável é erro quando se considera historicamente os entrelaçamentos, fusão entre sociedades, povos e culturas diversas. Por mais que já se entendeu sujeito cultural como uma unidade,

como era visto pelo Ocidente, várias reformulações englobam esse conceito que nos faz refletir sobre os caminhos que estão sendo traçados quando se pensa em cultura. Terry Eagleton discute amplamente em seu livro *A Ideia de Cultura* a dificuldade de definir o que pode ser conceituado como cultura. Ele traça suas considerações pelo aspecto da amplitude ou restrição desse conceito tão importante. “É difícil resistir à conclusão de que a palavra «cultura» é simultaneamente demasiado ampla e demasiado restrita para ter grande utilidade” (Eagleton, 2000 p. 49). A dificuldade em conceituar algo como sendo cultural reside, talvez, em se pensar no termo de forma fechada, pois a sua compreensão faz parte de um longo processo histórico, social e político que fizeram grupos culturais se interligassem e se misturassem de forma a contemplar várias formas.

Um dos pontos abordados por Hall (2003) é essa mistura cultural através da identidade formada na diáspora, de como o processo de colonização e migração fizeram o entrelaçamento e fusão da sociedade colonial. O resultado é híbrido e dificilmente pode ser desagregado em seus elementos autênticos de origem, exemplo disso é o que aconteceu com os barbadianos, citado por Hall (2003), ele diz que mesmo quando estava em terras diferentes ainda existia um elo forte com a terra de origem, como um cordão umbilical que os ligasse, que faziam sentir a vontade de retornar. No entanto, existem questões ambíguas a serem consideradas, pois mesmo quando os barbadianos retornaram a terra natal a sensação não era a mesma quando haviam a deixado, isso porque suas identidades já tinham uma ligação também com o Reino Unido.

Outro autor que também discorre sobre cultura, é Nestor Canclini, que fala sobre essas interações entre culturas diversas e vai abordar sobre a hibridização. Um dos pontos analisados por ele é a questão da desterritorialização, que é quando se perde a relação de um povo com um espaço geográfico e social e se recoloca em terras relativas, parciais das velhas e novas produções simbólicas, isso quer dizer que, a mudança geográfica causa mudanças culturais provocadas pela migração ou a recolocação de cultura, costumes no novo território, o que gera uma hibridação do velho com o novo, formando maneiras de se identificar ou não haver uma identidade definida, Canclini (2015) exemplifica essa definição trazendo o caso de Tijuana, cidade do México que faz fronteira com os EUA, em que a relação geográfica permite uma conexão entre os dois países, e as identidades de quem vive na fronteira acaba por se misturarem a ponto de não se identificarem totalmente com nenhum dos dois países.

A partir dessa discussão, vimos que é difícil imaginar no mundo contemporâneo uma cultura como sendo unidade pura, e os povos indígenas participaram nesse processo de hibridação. Como o próprio Krenak (2020) coloca, é difícil ou impossível imaginar que uma cultura depois de tantas interferências e imposições consiga se manter sem modificações e/ou adaptações. E assim também é visto no ambiente urbano, várias pessoas que são atraídas para a cidade por diferentes questões, que engloba o propósito de melhorar de vida e cativados pelo discurso deslumbrante do progresso e desenvolvimento das cidades, porém as culturas dessas pessoas acabam sendo silenciadas e transformadas, tomando novas formas de se expressar na vida cidadina, e seguindo sua dinâmica de transformações voltadas a atender uma classe dominante. Essas pessoas não só são modificadas, mas também modificam o ambiente que vivem, o que é também algo historicamente recorrente.

É verdade que as modificações das paisagens vêm sendo realizadas desde antes da colonização, pelos povos indígenas, como afirma Ballé (2008) porém, se tratava de uma transformação de harmonia e unidade entre o homem e a natureza, como ele discute melhor a partir do conceito de indigeneidade.

Indigeneidade é o estado ou qualidade de ser indígena. No meu uso do termo, se refere às maneiras tradicionais de conhecimento do mundo próprias de tradições culturais de pequena escala cujos sujeitos têm sido historicamente os alvos humanos do colonialismo europeu e neo-europeu e, mais recentemente, da globalização econômica (Ballé, 2008, p. 10).

O modo de viver dos indígenas nos diz muito sobre como respeitar e conviver com o ambiente natural sem destruí-lo. Ballé (2008) fala de como as transformações primárias feitas por eles refletia positivamente na natureza, ao contrário do que é feito pelo homem branco. O mundo globalizado está desencadeando uma

forma de viver que está ficando insustentável, pois essa transformação da paisagem natural está causando devastação, mudança na temperatura e o desaparecimento de espécies de plantas e animais que faziam parte do cotidiano de tribos indígenas que vivenciam o impacto. Trazer o modo de vida dos indígenas se faz importante para discutir possibilidades de aprender com eles, esse modo de vida interligado com a natureza, para quem sabe assim, inserir um pouco desse modo de vida no ambiente urbano das cidades.

Marie Roué, em seu texto “Novas Perspectivas em Etnoecologia: ‘saberes tradicionais’ e gestão dos recursos naturais”, busca estabelecer uma discussão acerca do estudo da relação entre o homem e a natureza. A contribuição dos etnólogos segundo Roué (2000) é importante para entender essas relações, pois tem como objetivo explicar o mundo dos povos tradicionais tanto do âmbito externo quanto interno de seus conhecimentos. E para esse entendimento, o trabalho do etnólogo é importante ferramenta para o debate sobre esse modo de viver.

Para os etnólogos, o que é fundamental é explicar, com uma visão externa, as categorias semânticas, os conhecimentos e a visão do mundo indígena, no âmbito de uma dada sociedade e, por conseguinte, de uma certa organização social, a única que permite compreender, com uma visão interna, como natureza e cultura se articulam (Roué, 2000, p. 70).

Mais do que estudar esses povos, é preciso fazer de maneira individualizada, de acordo com cada modo de viver e fazer, suas relações com a natureza, como também, inserir essa discussão no mundo moderno, através do conhecimento científico, pois são pontos de vistas também importantes e precisam ser estudados. Além disso, é importante pensar estratégias que possam nos auxiliar no modo de viver nas cidades.

Krenak (2020) traz à tona as questões envolvidas na ideia de humanidade que temos hoje, e como historicamente isso contribui para essa civilização que busca incansavelmente dominar/explorar todo espaço natural que venha a existir. Por um modelo de viver na terra que é ditada por um poder dominante e seguido pelo resto do mundo.

A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível. Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na terra, uma certa verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história (Krenak, 2020, p. 6).

O planeta está sofrendo com esses processos que a civilização tem enfrenado, primeiro com a colonização e posteriormente, os efeitos da modernização e globalização, esse alerta que o Krenak (2020) faz sobre a forma que a humanidade tem acabado com o ambiente natural, que essa relação de conflito entre a humanidade e a natureza está tomando um rumo desastroso. Muito poderia nos agregar se ao invés de silenciar a cultura indígena e suas relações com as florestas, pudessemos viver como parte de um coletivo e não como “adversários” contra natureza e a favor do consumo.

3. Manaus e seu processo urbano de destruição da natureza

Assim como outras cidades brasileiras, Manaus se desenvolveu seguindo um modelo de cidade civilizada e progressista que foi erguida sobre seus igarapés², suas culturas e suas florestas. A capital do Amazonas se localiza no encontro do Rio Negro com o Rio Solimões. Originou-se a partir de um aldeamento indígena as margens do Rio Negro, ao redor da Fortaleza de São José da Barra, em 1669, forte construído pelos portugueses para fixar domínio no Amazonas. Toda a área urbana da cidade é banhada por bacias hidrográficas, tendo duas totalmente inseridas na malha urbana, a bacia do Educandos e a bacia do São Raimundo, estas por sua vez, formadas pelos igarapés que cortam a cidade e desaguam no rio Negro.

Manaus teve suas primeiras intervenções urbanísticas pensadas seguindo o curso dos igarapés. “A forma da cidade traz como traço marcante a rede de igarapés de pequenos cursos d’água, que num dado período histórico modelaram o sítio urbano, formando um conjunto de elementos condicionadores do traçado da cidade” (Valle & Oliveira, 1999, p. 155).

Os rios urbanos são aqueles que, dialeticamente, modificam e são modificados na sua inter-relação com as cidades. E a partir dessa interação, surge algo que é, ao mesmo tempo, natural e cultural, orgânico e artificial, sujeito e objeto, algo híbrido por que não é mais natural, mas também não se transformou ao ponto de deixar de carregar em si a Natureza (Oliveira *apud* Almeida e Carvalho, 2007, p. 1).

Aproximadamente em 1870, a economia local e a cidade passam por um crescimento devido ao incremento da importação e exploração da borracha. Os recursos financeiros obtidos no ciclo da borracha proporcionaram intervenções urbanísticas na cidade como afirma Araújo (2011). As principais intervenções urbanas aconteceram onde atualmente é o centro da cidade. Porém, os projetos de embelezamento causaram grande impacto na paisagem da cidade e no ambiente natural, dando continuidade ao modelo de cidade do progresso *versus* a natureza. Os igarapés começaram a ser vistos como obstáculos para o desenvolvimento, com isso, foram sendo modificados para dar lugar a projetos urbanísticos que promoviam a ideia da cidade vitrine. Segundo Júnior e Nogueira (2010) foi no governo de Eduardo Ribeiro (1892 – 1900) que se intensificaram as obras que buscavam tornar Manaus em uma cidade de progresso e modernidade, ele desenvolveu a ideia da cidade vitrine com o intuito de atrair investidores estrangeiros e mão de obra externa para a economia do látex. Ainda segundo Júnior e Nogueira (2010), o período entre 1892 e 1896 foi o intervalo que mais pode-se notar as diversas obras públicas, tendo em vista que a modernidade era um discurso destacado pelo governo da época.

Conforme Grobe (2014), na planta cadastral de 1852, haviam nove igarapés no centro da cidade, sendo eles: Igarapé da Castelhana, Remédios ou Aterro (hoje é a avenida Getúlio Vargas), Igarapé da Cachoeira Grande, Espírito Santo (hoje Avenida Eduardo Ribeiro), São Vicente, da Bica, Igarapé da Ribeira, do Seminário, Igarapé do Monte Cristo, e o igarapé da Cachoeirinha. Os igarapés eram entendidos como principais proliferadores de doenças que segundo Valle e Oliveira (1999), aborda que os responsáveis pela higienização da cidade na época diziam que pelo fato do sol não penetrar no solo por causa da vegetação existente, isso contribuía para a proliferação de doenças, e conseqüentemente, as margens passam a ser vistas pela repartição de Saúde e Higiene como danosa à saúde e precisavam ser limpas, ou seja, retirar a vegetação de suas margens para evitar a proliferação de doenças. Assim, considerando a higienização dos leitos e a intenção de modernização da cidade, deram início aos aterros dos igarapés, construindo a primeira avenida sobre o igarapé do Aterro ou Remédios, hoje é a avenida Getúlio Vargas.

Assim como aconteceu no período áureo da borracha, no período de crescimento econômico promovido pela Zona Franca, obras de intervenção urbana foram criadas com o discurso de melhoramento urbano e visava aterrar, canalizar e retificar os igarapés. Os primeiros projetos nos igarapés a serem lançados foram os de Manaus, Bittencourt e Mestre Chico, conforme pode ser visto na figura 1. O projeto era chamado de Nova Veneza, a primeira intervenção promovida pela nova Veneza foi no igarapé de Manaus em 1997 sendo finalizado em 1999 (Costa Junior & Nogueira, 2010).

Segundo Costa Junior e Nogueira (2010) o projeto Nova Veneza recebeu uma nova

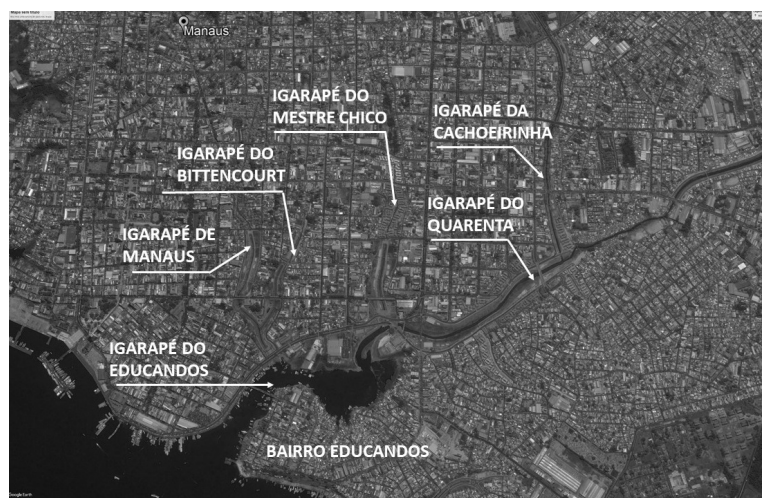


Figura 1. Bacia Hidrográfica do Educandos. Fonte: Google Earth editado pela autora

roupagem, e agora é chamado Programa Social e Ambiental de Manaus (Prosamim), criado a partir de 2005 no governo do Eduardo Braga. O autor afirma que os projetos se assemelham no objetivo de canalizar, retificar e aterrar os igarapés e construir conjuntos habitacionais sobre eles.

Sobre o Prosamim, Araújo (2011) afirma que as primeiras áreas de abrangência do programa são as bacias do Educandos e do São Raimundo. O prosamim veio com discurso de promover o melhoramento urbano de espaços degradados e de recuperar os igarapés da cidade. Porém, o programa não desapropriou as margens dos igarapés, e sim, substituiu as palafitas por habitações de 3 andares, construídas sobre o igarapé aterrado. Além de construir novas habitações no mesmo lugar onde elas existiam, o programa aterrou, canalizou e diminuiu a margem dos igarapés da cidade.

Com isso, vimos que o processo de urbanização de Manaus que desde as primeiras intervenções urbanas no período da borracha até a implantação do Prosamim, os igarapés são desconsiderados no planejamento urbano, não há projetos que visem recuperar e integrar o igarapé na malha urbana.

4. O caso do Igarapé do Educandos

As transformações/ocupações no igarapé do Educandos aconteceram de acordo com o aumento populacional da cidade, impulsionado pelo crescimento econômico no período áureo da borracha e posteriormente pela implantação da Zona Franca. A falta de planejamento urbano e políticas de incentivo a moradia, ocasionaram um processo de ocupação urbana desordenada. As pessoas que não tinham condições de erguer suas casas em áreas já urbanizadas, iam construindo suas casas em palafitas, às margens dos igarapés ou em flutuantes dentro do rio Negro. No período da borracha, o bairro de Constantinópolis, atual Educandos, foi uma das primeiras regiões que essas pessoas foram ocupando, motivadas por questões que vão desde os fatores culturais e simbólicos, tendo em vista que alguns eram ribeirinhos que buscavam manter seus costumes de se relacionar com o rio, como também a falta de políticas públicas de incentivo a moradia, a falta de recursos financeiros para pagar as taxas de ocupação e por fim, a proximidade do bairro ao centro da cidade.

O fator simbólico reside no relacionamento que os ribeirinhos tinham com o Rio Negro, e vieram para Manaus buscando manter sua cultura. Eagleton (2000) traz as reflexões de Raymond Williams sobre cultura, e que vai fazer uma análise sobre necessidade versus significado.

A habitação é uma questão de necessidade, mas só se transforma num sistema significativo quando no seu âmbito começam a surgir importantes diferenças sociais. O mesmo tipo de diferença existe entre um sanduíche engolido à pressa e uma refeição no Ritz saboreada com tempo. Dificilmente alguém jantará no Ritz apenas porque tem fome. Desse modo, envolvendo todos os sistemas sociais de significação, nem todos são sistemas de significação ou sistemas culturais. Trata-se, assim, de uma definição valiosa, na medida em que evita definições de cultura quer ciumentamente exclusivas quer inutilmente inclusivas. Na realidade, porém, trata-se de uma reelaboração de tradicional dicotomia estético/instrumental, estando, assim, aberta ao tipo de objecção de que esta tem sido alvo (Eagleton, 2000, p. 52).

Dessa forma, pode questionar que morar em palafitas no Amazonas é cultural, existe um significado intrínseco nessa forma de habitar, porém, morar em palafitas na orla do Educandos permanece sendo uma questão cultural? Ou é necessidade? Não há como ter uma resposta exata, mas sabe-se que ambos os motivos de habitar a margem, seja por necessidade ou por simbolismo, podem ser observadas ao analisar as ocupações do igarapé do Educandos, como de outros trechos de margem da cidade.

Entre 1910 e 1920, quando acontece o declínio da borracha ocasionado pela liderança da Ásia na exportação do látex, houve uma crise econômica. Almeida (2005) fala que com a crise da borracha muitas empresas faliram e houve desemprego em massa. Com isso, a população se viu sem condições de pagar por terras urbanizadas, dessa forma, a solução encontrada por eles, era ocupar as áreas que não interessavam ao

mercado imobiliário. Nesse contexto histórico, começam a aumentar o número de habitações na área do igarapé do Educandos e em flutuantes no rio, foi assim que surgiu a Cidade Flutuante³ em 1920.

De acordo com o texto “A exótica cidade flutuante”, publicado pelo Instituto Durango Duarte, a primeira casa flutuante construída no igarapé do Educandos, foi a de João Aprígio, natural do estado da Paraíba, em 1920. Sentindo os efeitos da crise, sem ter como manter sua família, ele juntou dois troncos de açúcar e construiu a primeira casa flutuante no Educandos, lugar que ele julgava ser o mais adequado para morar. Almeida (2005) diz que em 1965 existiam 2.200 habitações. Souza, (2010) afirma que os flutuantes começaram a ser retirados a partir da criação da Zona Franca de comércio, que visava trazer modernização e progresso para Manaus, do qual a cidade flutuante não fazia parte, pois era percebida como um grave problema urbano, que a única solução seria a total retirada dos flutuantes. Na figura 2, temos a Cidade Flutuante, no trecho do rio Negro, em frente da Igreja dos Remédios, centro de Manaus. Ela pode ser observada na imagem no canto superior. Parte do igarapé do Educandos pode ser visualizada no lado direito da figura.



Figura 2. Cidade Flutuante. Fonte: G1 AMAZONAS.

Tanto as ocupações localizadas na orla quanto as da Cidade Flutuante são consideradas uma “patologia” na paisagem da cidade, tendo em vista que nunca foi considerado os aspectos culturais, simbólicos e sociais que motivaram as pessoas a ocuparem as margens dos igarapés da cidade. As pessoas fazem parte da cidade e do seu processo de urbanização.

Considerar como uma aberração na paisagem da cidade, a ocupação de áreas de influenciadas pela natureza tem de ser vistas a partir da lógica da construção da sócio- espacialidade numa sociedade desigual, onde se apropriar da cidade pressupõe o direito à cidade (Valle & Oliveira, 1999, p. 213).

As intervenções urbanas na área que compreende o igarapé do Educandos continuam por parte do poder público, realizando o aterro de grande parte da orla, em que duas ilhas deixaram de existir por causa desses aterros: a ilha de Monte Cristo e a ilha da Caxangá. Na década de 1970, o lado que pertence ao centro da cidade, era predominantemente ocupado por palafitas. Pouco a pouco, essa realidade foi sendo modificada para dar lugar a obra da construção da Avenida Lourenço da Silva Braga, que fez parte do projeto Manaus Moderna entre 1990 e 2000. Grande parte

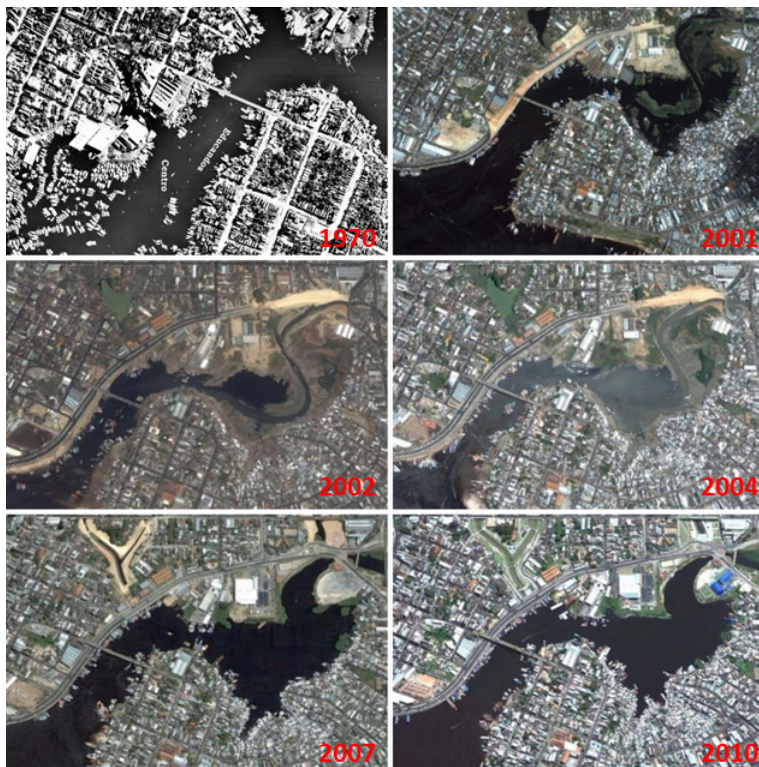


Figura 3. Análise de mapeamento da transformação Orla do igarapé do Educandos. Fonte: Arquivo pessoal.

da orla do Educandos foi aterrada para dar lugar à avenida. O mapeamento da figura 3, demonstra o processo de transformação da orla do Educandos, fazendo comparação de como era em 1970, com as ocupações irregulares, mas antes dos aterramentos, e a partir do ano de 2001, quando o projeto para a construção da avenida Lourença da Silva Braga já havia removido as habitações que existiam no local e aterrado grande parte desse trecho da orla. As imagens vão até 2010, quando todo o projeto já havia sido finalizado.

Além de toda essa modificação na morfologia natural das margens do igarapé do Educandos, causando seu estreitamento com todo aterro que foi realizado, esse trecho ainda sofre por outro problema ambiental causado pela falta de uma urbanização que preservasse o ambiente natural, que é o grande acúmulo de lixo e esgoto que é lançado no Rio Negro. Parte do lixo e esgoto de Manaus são lançados nos igarapés que cortam a cidade sem nenhum tipo de tratamento e desaguam no rio por essa área que é compreendida como igarapé do Educandos.

deveríamos nos indignar com a especulação imobiliária, com a busca do lucro a qualquer custo e com a falta de ação política dos gestores e da sociedade que foram destruindo a beira e colocando a cidade de costas para o rio. O rio Negro na frente de Manaus já foi nossa sala de visitas, depois a nossa cozinha, agora talvez seja a nossa privada (Oliveira, 2017, p. 14).

É possível entender um pouco do lixo que é acumulado na orla do igarapé do Educandos, através da figura 4, registro no período de vazante do Rio Negro, em 2017, em que fica mais evidente a quantidade de lixo concentrado e que é lançado no leito do rio.



Figura 4. Trecho da Orla do igarapé do Educandos no período da vazante do Rio Negro. Fonte: Arquivo pessoal

5. O que esperar para o futuro das Cidades e a Natureza que resistem no espaço urbano?

São difíceis as previsões do que a cidade vai se tornar caso continue “devorando” a natureza que ainda lhe resta. Esse modelo de cidade moderna que foi trazido pelo desenvolvimento, agora precisa pensar em uma forma de urbanismo que seja sustentável, que haja um equilíbrio entre o ambiente urbano e a natureza. Rodrigues (1993) traz o conceito de desenvolvimento sustentável que surge quando se percebe a crise ambiental que esse modelo provocaria.

O conceito de desenvolvimento surge com o capitalismo e se consolida no século XX, entendido como progresso tecnológico, medido pela produção industrial e pelos serviços. O conceito de desenvolvimento sustentável surge após a ‘descoberta’ da ‘crise ambiental’ provocada por este mesmo modo industrial/capitalista de produzir (Rodrigues, 1993, p. 12).

O desenvolvimento industrial provoca diferentes formas de poluição e destruição da natureza, como poluição do ar, derrubada de árvores, poluição dos rios e oceanos. Rodrigues (1993) diz que o desenvolvimento sustentável é um conceito que foi bastante abordado, mas fraco na questão de trazer soluções, que aponta mais para a questão de uma possível sobrevivência do que de fato uma vida.

O desenvolvimento sustentável é entendido como processo de mudança em que o uso de recursos, a direção dos investimentos, a orientação do desenvolvimento tecnológico e as mudanças institucionais concretizam o potencial de atendimento das necessidades humanas do presente e o futuro (Rodrigues, 1993, p. 16).

Também realizando um trabalho importante para repensar nossas cidades, Jan Gehl discute novas formas de pensar a cidade para quem a utiliza. Para ele, um espaço público precisa ser vivo, e isso deve ser planejado para a utilização diferentes grupos de pessoas, porém, uma cidade viva não está relacionada apenas a quantidade de habitantes ou dimensões territoriais e sim, aos espaços urbanos que transmita sensações que sejam convidativas e populares, para assim, criar um lugar de significado. De nada adianta termos espaços amplos se não há pessoas convidadas a ocupá-los. E um dos caminhos para que esses espaços sejam convidativos é serem criados levando em consideração a escala humana e conectado com o ambiente natural. Ele traz essa importância em debater sobre a sustentabilidade das cidades, pois “O esgotamento dos combustíveis fósseis, a poluição alarmante, as emissões de carbono e a resultante ameaça ao clima são grandes incentivos para tentar aumentar a sustentabilidade nas cidades do mundo todo” (Gehl, 2015).

O conceito de sustentabilidade tal como aplicado as cidades é amplo, sendo o consumo de energia e as emissões dos edifícios apenas uma das suas preocupações. Outros fatores cruciais são a atividade industrial, o fornecimento de energia e o gerenciamento de água, esgoto e transportes. Transporte é um item particularmente relevante na contabilidade verde, porque é responsável por um consumo massivo de energia, pelas consequentes emissões de carbono e pela pesada poluição (Gehl, 2015, p. 105).

Ele acredita que é preciso pensar a cidade de maneira a reduzir as distâncias para possibilitar outras formas de locomoção, para que as pessoas cada vez mais possam caminhar ou pedalar, assim melhorando a qualidade da cidade e do meio ambiente como também, traz benefícios para a saúde das pessoas. E Gehl (2015) evidencia um exemplo bem importante, o caso de Veneza.

O transporte público é gerenciado pelas balsas, que acomodam muitas rotas com frequentes paradas, criando uma rede transporte muito bem interligada. Nenhum endereço na cidade está além de duzentos ou trezentos metros da parada mais próxima, caminhar ao longo das belas ruas e praças da cidade é parte importante do trajeto (Gehl, 2015, p. 107).

Vale ressaltar que esse exemplo nos lembra da possibilidade da cidade de Manaus se tornar não uma Paris dos Trópicos, mas talvez, uma Veneza Tropical, como diz Tocantins (2000)

Se o Pensador quisesse teria transformado Manaus numa Veneza tropical, onde não faltaria o tráfego intenso de embarcações, varando os quintais das casas, abordando as fachadas e os jardins dos palacetes. Mas o urbanismo funcional lutou contra a natureza até fazer secar os pequenos cursos d'água, transformados, em amplas vias públicas (Tocantins, 2000, p. 229).

Seria um modelo de cidade que não estaria apenas contribuindo para outras formas de locomoção e sustentabilidade, como também respeitando a questão cultural, pois até hoje em Manaus é bastante utilizado voadeiras ou também chamadas catrais, que são pequenas embarcações para se deslocar pela cidade ou para outra margem do rio negro. Na própria orla do Educandos, existe um fluxo de pessoas que vão até o ponto das catrais para pegar essas embarcações para irem até o centro de Manaus.

Outro ponto a ser abordado é a questão da expansão urbana das cidades, Leite (2010) diz que para se ter um desenvolvimento sustentável é preciso que as cidades cresçam para dentro e não continuem se expandindo. Ele quer dizer que precisa reciclar e reestruturar o território existente, pois dessa forma é mais inteligente do que substituí-lo. É preciso regenerar os espaços, aproveitar o potencial dos vazios urbanos e a mobilidade, que também é abordado por ele como caminho para sustentabilidade.

Não existe desenvolvimento sustentável nas cidades sem um forte avanço na mobilidade urbana: o desafio dos novos modelos de mobilidade nas megacidades envolve não apenas os sistemas de transporte público (modelos novos ou atuais), mas também a inovação nos transportes individuais (modelos mais sustentáveis e compactos (Leite, 2010, p. 120).

A tese de Leite (2010) diz que, aproveitando os vazios urbanos, se contrapõe a expansão da periferia, o caminho seria o adensamento populacional e de atividades em que tenham infraestrutura adequada. Segundo ele, uma cidade mais compacta é uma cidade que será mais sustentável. Ou seja, o futuro do planejamento urbano para se pensar cidades que sejam sustentáveis é um desafio enorme para fazer esse trabalho de reestruturar, porém possível. É preciso que várias instituições se juntem ao mesmo propósito junto com a sociedade civil, tendo em vista que uma cidade sustentável, também pode ser entendido como cidade com uma sociedade mais homogênea, sem tanta desigualdade social. Nessa busca, surge no topo de alguns debates sobre planejamento urbano, as cidades inteligentes e sustentáveis, motivado pela demanda da cidade contemporânea.

Uma das primeiras dificuldades na busca por cidades contemporâneas sustentáveis é explorado por (Nalini & Neto, 2017), que afirma ser necessário não só uma cidade sustentável, mas também inteligente, porém a falta de maturidade conceitual e regulatório do Estado, demonstra o caráter superficial que o tema é tratado. Os autores defendem que a inteligência artificial aplicada no planejamento urbano poderia ser uma ferramenta eficiente para a cidade sustentável. Para eles, a cidade inteligente é

uma cidade capaz de criar estruturas de gestão capazes de serem ativadas para atender a demandas próprias do caráter problemático que o espaço urbano, enquanto sistema complexo, (re)produz continuamente. Essas estruturas visualizam a cidade como um sistema complexo que deve ser todo interligado por redes de comunicação, as quais podem detectar problemas, emitir alarmes e, principalmente, direcionar fluxos de trabalho humano com foco na eficiência dos serviços públicos e controlar remotamente dispositivos e equipamentos das mais variadas interfaces (Nalini & Neto, 2017, p. 6).

Uma das críticas que surgem pela a da falta de regulamentação do estado é como a sustentabilidade está circulando no ambiente comercial, vendendo produtos como sendo sustentáveis, quando na verdade não são, ou pelo menos não totalmente. É preciso sair dessa superficialidade trazida pelos autores.

Cidades inteligentes e sustentáveis seriam, então, cidades baseadas em um modelo inteligente de gestão, ancorado em tecnologias de informação e comunicação, cujo objetivo repousa em maneiras de viabilizar a sustentabilidade em todas as suas interfaces. Inteligência, nesse sentido, seria meio, e sustentabilidade, fim (Nalini & Neto, 2017, p. 9).

Com isso, talvez seja um caminho para buscar uma cooperação da tecnologia para transformar a vida e a forma como a sociedade vem se relacionando com o ambiente, utilizando como foco a busca por uma cidade inteligente e sustentável, que tenha uma relação harmoniosa entre sociedade, natureza e o espaço urbano que ocupa.

O desafio para os arquitetos, urbanistas e demais áreas de conhecimento que tem a cidade como objeto de pesquisa, em especial Manaus, deve ter como prioridade olhar para o espaço e visualizar as possibilidades que ele oferece, um trabalho interdisciplinar ou transdisciplinar que englobe todos os desafios que esse processo de reestruturar traz consigo. Por isso, esse trabalho discorreu sobre os problemas que visualizamos hoje em Manaus, desse ambiente urbano que negligencia a natureza desde das primeiras intervenções na cidade, através de um levantamento histórico urbano, imprescindível para o entendimento do vínculo da cidade e natureza no passado e presente. Também, pode-se perceber como o urbanismo de Manaus, enquanto relação espaço e sociedade, não estabelece uma ligação harmoniosa entre si, e se as formas dessa relação não forem modificadas, o futuro não haverá mais natureza, apenas concreto e poluição.

É imprescindível que novas pesquisas e debates sejam realizados para enfatizar a importância e a urgência de buscar um urbanismo sustentável para Manaus, cidade rodeada pela floresta amazônica, que a cada dia vai perdendo um pouco mais das matas e rios que ainda resistem no meio urbano. Não podemos esquecer que um projeto de planejamento sustentável deve ter como base e prioridade o elo que une a natureza, o ser humano e suas culturas.

NOTAS

¹ Palafita é um sistema construtivo usado em edificações localizadas em regiões alagadiças cuja função é evitar que as casas sejam arrastadas pela correnteza dos rios.

² Riacho ou pequeno córrego que nasce na mata e deságua no rio.

³ A cidade flutuante foi um conjunto de aproximadamente 2.200 habitações flutuantes que formavam uma cidade dentro o Rio Negro, próximo a cidade de Manaus. Eram formadas por residências e comércios. As primeiras construções datam 1920 e todas foram retiradas do Rio na década de 1960.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, L. C. M. de (2005). *Habitabilidade da cidade sobre as águas*: Desafios da implantação de infraestrutura de saneamento nas palafitas do Igarapé do Quarenta – bairro Japiim – Manaus. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil.

Araujo, E. F. S. (2011). *Os impactos arquitetônicos e urbanísticos do programa PROSAMIM na paisagem de Manaus*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, Amazonas, Brasil.

Almeida, L. Q. de, Carvalho, P. F. (2007). *A negação dos rios urbanos numa metrópole brasileira*. Tese de doutora, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, Brasil.

Canclini, N. (2015). *Culturas. Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp.

Costa Jr., W. R., & Nogueira, A. R. B. (2010). De Eduardo para Eduardo: a cidade sobre os igarapés. *Revista Eletrônica Abaré*.

Eagleton, T. (2000). *A ideia de Cultura*. Lisboa: Temas e Debates; Actividades Editoriais.

Gonçalves, A. J. Jr., Sant'Anna, A., Carstens, F., Fleith, R. (2017). *O que é urbanismo?* São Paulo: Editora Brasileira.

Grobe, C. M. P. P. (2014). *Manaus e seus igarapés: A construção da cidade e representações (1880-1915)*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, Amazonas, Brasil.

Hall, S. (2003). *Da Diáspora: identidade e mediações cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Instituto Durango Duarte. A “exótica” cidade flutuante de Manaus. Reportagem. Recuperado de <https://idd.org.br/reportagens/exotica-cidade-flutuante-de-manaus2/>.

Krenak, A. (2020). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.

Le Monde Diplomatique Brasil (2020). Vozes da floresta. Entrevista Ailton Krenak. Recuperado em 14 de abril de 2020, de <https://www.youtube.com/watch?v=KRTJlh1os4w>.

Leite, C. (2010). São Paulo, megacidade e redesenvolvimento sustentável: uma estratégia propositiva. *Urbe.: Revista Brasileira de Gestão Urbana*, 2(1), 117-126.

Nalini, J. R., Silva Neto, W. L. B. da. Cidades inteligentes e sustentáveis: desafios conceituais e regulatórios. In T. T. P. Cortese, C. T. Kniess, & E. A. Maccari (Org.). *Cidades inteligentes e sustentáveis* (pp. 4-18). Barueri: Manole.

Oliveira, J. A de. (2017). *Crônicas da minha (c)idade*. Rio de Janeiro: Letra Capital.

Rodrigues, A. M. (1993). Desenvolvimento sustentável: a nova roupagem para a velha questão do desenvolvimento. In Grazia, G. de (Org.). *Direito à cidade e meio ambiente* (pp. 12- 21). Rio de Janeiro: Fórum Brasileiro de Reforma Urbana.

Tocantins, L. (2000). *O rio comanda a vida: uma interpretação da Amazônia* (9ª Ed.). Manaus: Editora Valer/ Edições Governo do Estado.

Valle, A. de S., & Oliveira, J. A. de (2002). A cidade de Manaus: análise da produção do espaço urbano a partir dos igarapés. In Oliveira, J. A. de; Alecrim, J. D., & Gasnier, T. R. J. (Org.). *Cidade de Manaus: visões interdisciplinares* (pp. 151-180). Manaus: Edua.